

AMPARO E SENTIDOS DE VIDA NAS NARRATIVAS SOBRE MORTOS POR COVID-19

■ RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA

<https://orcid.org/0000-0001-7928-0030>

Universidade da Região de Joinville

■ JOSÉ ISAÍAS VENERA

<https://orcid.org/0000-0002-9220-446X>

Universidade da Região de Joinville

Universidade do Vale do Itajaí

■ GUSTAVO HENRIQUE CARDOSO NART

<https://orcid.org/0000-0002-5140-5791>

Universidade da Região de Joinville

RESUMO

Este artigo é parte da pesquisa em andamento intitulada “Biografias das vítimas do COVID-19” e se propõe a comunicar as primeiras análises desenvolvidas. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar e seu objetivo é analisar os sentidos de vida das narrativas biográficas das vítimas do novo coronavírus no Brasil, apresentadas no programa *Fantástico*, da rede Globo de televisão, a partir do portal *Memorial Inumeráveis*. Para dar conta deste recorte inicial, em diálogo com o campo da Psicanálise e do Patrimônio Cultural, desenvolve-se a noção de memória cultural em Eleida Assmann (2011) e Jan Assmann (2016), para pensar a função do *Memorial Inumeráveis* ao acolher os sentidos de vida comunicados nas narrativas dos entes queridos das vítimas e, posteriormente, disseminados na revista semanal. Esse acolhimento funciona como um amparo, na perspectiva freudiana, quando conecta sentidos de humanidade. Esses sentidos de vida foram capturados a partir da análise de conteúdo das narrativas e são reveladores de memórias comunicativas sobre aspectos banais da vida ordinária que ganham estafe de notícia diante do trauma humano de desamparo que a pandemia instala.

Palavras-chave: Narrativas. Memória comunicativa. Memória cultural. Mídia. COVID-19.

ABSTRACT **SUPPORT AND MEANINGS OF LIFE IN NARRATIVES ABOUT THE DEAD BY COVID-19**

This article is part of the ongoing research entitled "Biographies of the victims of COVID-19" and proposes to communicate the first analyses developed. This is an interdisciplinary research and its objective is to analyze the meanings of life of the biographical narratives of the victims of the new COVID-19 in Brazil, presented in the *Fantástico* program of globo television network, from the portal *Memorial Inumeráveis*. To give an account of this initial cut, in dialogue with the field of Psychoanalysis and Cultural Heritage, the notion of cultural memory is developed in Eleida Assmann (2011) and Jan Assmann (2016) to think about the function of the *Memorial Inumeráveis* by welcoming the meanings of life communicated in the narratives of the loved ones of the victims and, later, disseminated in the weekly magazine. This welcome works as a support, in the Freudian perspective, when it connects meanings of humanity. These meanings of life were captured from the content analysis of the narratives and are revealing communicative memories about banal aspects of ordinary life that gain news stafe in the face of the human trauma of helplessness that the pandemic installs.

Keywords: Narratives. Communicative memory. Cultural Memory. Media. COVID-19,

RESUMEN **APOYO Y SIGNIFICADOS DE LA VIDA EN LAS NARRATIVAS SOBRE LOS MUERTOS POR COVID-19**

Este artículo forma parte de la investigación en curso titulada "Biografías de las víctimas de COVID-19" y propone comunicar los primeros análisis desarrollados. Se trata de una investigación interdisciplinaria y su objetivo es analizar los significados de la vida de las narrativas biográficas de las víctimas del nuevo COVID-19 en Brasil, presentado en el programa *Fantástico* de la cadena de televisión globo, desde el portal *Memorial Inumeráveis*. Para dar cuenta de este corte inicial, en diálogo con el campo del Psicoanálisis y el Patrimonio Cultural, la noción de memoria cultural se desarrolla en Eleida Assmann (2011) y Jan Assmann (2016) para pensar en la función del *Memorial Inumeráveis* acogiendo los significados de la vida comunicada en las narrativas de los seres queridos de las víctimas y, más tarde, difundida en la revista semanal. Esta bienvenida funciona como un apoyo, desde el punto de vista freudiano, cuando conecta significados de la humanidad. Estos significados de la vida fueron capturados a partir del análisis de contenido de las narraciones y están revelando re-

cuerdos comunicativos sobre aspectos banales de la vida ordinaria que ganan un estancamiento noticioso frente al trauma humano de impotencia que la pandemia instala.

Palabras clave: Narrativas. Memoria comunicativa. Memoria cultural. Medios de comunicación. COVID-19.

Introdução

Na semana em que o Brasil ultrapassou a marca de 11 mil mortes por COVID-19, a imprensa já apresentava os índices e a curva crescente da doença, foi quando a rede Globo de televisão iniciou um novo quadro no programa dominical, o *Fantástico*, em 10 de maio de 2020. Atores e atrizes narravam histórias de vidas de vítimas da COVID-19. Essas narrativas foram coletadas e tratadas inicialmente pelo *Memorial Inumeráveis*¹, uma plataforma virtual e colaborativa de histórias de vidas trabalhadas por jornalistas voluntários. O *Memorial Inumeráveis* é uma iniciativa do artista Edson Pavoni, e sua aposta é que as narrativas são o que nos faz humanos, o que nos conecta em redes de amparo. Em entrevista ao *GQ*, ele explica:

[...] Então a ideia do memorial é fazer com que tenha um movimento, o memorial é uma onda, o *Inumeráveis* é uma onda de cura para que muitas pessoas contem histórias e no processo essa cura e essa celebração aconteça. [...] Primeiro que as histórias penetram no coração, em um lugar onde os números não conseguem. E a segunda é que a gente deu uma forma artística, poética, mas também jornalística, para uma coisa que tava (sic) na vontade de muita gente. (VALLE, 2020)

As entrevistas que se transformam em textos, ao estilo de crônicas, como forma de dar um tom artístico às histórias, são também meios de comunicar sentidos de vida, que não se resumem a números, mas ganham a imagem de uma identidade *in memoriam*. Diante da inquietante condição de vulnerabilidade imposta a todos pela pandemia, a pesquisa intitulada

“Biografias das vítimas do COVID-19” interroga como a mídia faz funcionar os sentidos de vida em narrativas de biografias das vítimas do COVID-19. Quais as intenções implícitas dessas narrativas de vidas que se perderam? Quais os sentidos de vidas que são privilegiadas pela mídia em um tempo de vulnerabilidade social? A pesquisa acontece no contexto do grupo de pesquisa Subjetividades e (auto)biografias e está vinculada a um projeto guarda-chuva intitulado “Narrativas (auto)biográficas e patrimônio cultural: a identificação diante da vulnerabilidade do outro”². Essa pesquisa mais ampla tem como objetivo analisar a produção da empatia em acervos de narrativas (auto)biográficas em uma aposta problematizadora de que esses registros são patrimônios culturais produtores de identificações, memórias e imaginários. E, nesse sentido, esse estudo colabora com os argumentos em favor das narrativas e sua potência como tesouros da humanidade, capazes de criar imagens empáticas socialmente. Viver a pandemia do COVID-19, embora diferente de todas as experiências já conhecidas, torna-se um locus de reflexão, a partir das ferramentas epistemológicas disponíveis, de criação e de expansão de novas maneiras de habitar o mundo e de habitar a si mesmo.

O *Memorial Inumeráveis* é uma dessas criações possíveis, construído de forma colaborativa por jornalistas e profissionais voluntários, expõe relatos seguidos aos nomes das vítimas

1 Ver: inumeraveis.com.br.

2 As pesquisas citadas contam com financiamento do Fundo de Apoio a Pesquisa (FAP) Univille e bolsa de Iniciação a pesquisa do Programa de Bolsas Universitárias do Estado de Santa Catarina (Uniedu-SC).

a partir das memórias dos familiares. Estes enviam as histórias a partir de um formulário disponível no *site* do memorial ou podem ser entrevistados por jornalistas colaboradores. Como se pode observar, há uma metodologia que conforma as histórias a um projeto editorial, ou seja, a uma narrativa institucionalizada. Ainda que haja uma entrevista direcionada ou um formulário a ser preenchido, a memória narrada pelos entes queridos pode ser considerada uma memória comunicativa, ou seja, algo espontâneo sobre o que e como se lembra. No entanto, existe uma edição e uma construção textual que institucionaliza a memória. Acrescentando a essa experiência, o projeto *Inumeráveis* em parceria com programa dominical da rede Globo, *Fantástico*, passou a exibir um quadro com parte dessas narrativas interpretada por artistas da emissora. Vozes e rostos de celebridades se ligam às histórias de pessoas comuns. Entre a história publicada no *Memorial Inumeráveis* e a história narrada no programa televisivo, há outra edição que, em média, a transforma em 30 segundos de texto. E, entre o texto e a representação dos atores e atrizes, a entonação da voz, a performance, a respiração, existem outras edições, todas elas entendidas na institucionalização da memória cultural.

Cada uma dessas edições pode representar uma possibilidade de análise diferenciada, todavia, este artigo recorta a análise dos conteúdos dos textos narrados no programa *Fantástico* e compara ao mesmo texto no *Memorial Inumeráveis*, durante o primeiro mês do quadro televisivo. Essa coleta continua na pesquisa em andamento, porém, para este artigo, a análise foi desenvolvida sobre as primeiras 60 histórias no mês de maio. Para tanto, o artigo apresenta os principais conceitos e categorias que mediaram as análises realizadas, assim como a perspectiva freudiana pela qual o memorial é entendido nessa análise e que nomeia o título deste texto. Em seguida,

apresentamos uma descrição empírica do *Memorial Inumeráveis* e das técnicas de análise de conteúdo do material coletado para, então, analisar os primeiros resultados dos sentidos de vida ordinária comunicados como notícias. Nas reflexões finais, os resultados da pesquisa, ainda que parciais, apontam inferências nos avanços das interpretações de um tempo carregado de um presente de incertezas.

O trabalho da memória cultural

A cada dia, jornais estruturam a realidade atualizando números de infectados e mortos por COVID-19 no país. Se os corpos infectados e mortos aparecem, sobretudo, em números na paisagem midiática, na capilaridade social, despertam inúmeros afetos, como: medo, dor, luto, angústia ou até apatia por saturação da informação. Os mortos não param de significar, estendendo-se nas narrativas jornalísticas que tecem parte da memória cultural desse grande trauma, assim como no cotidiano, a dor se desdobra em memória comunicativa.

Este artigo dialoga com o teórico da cultura, Jan Assman (2016), quando ele faz uma classificação entre memória comunicativa e memória cultural. A memória comunicativa integra o cotidiano das pessoas, diferenciando-se de uma memória institucionalizada. Diferentemente, a memória cultural se refere a uma “exterioridade, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentais à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra” (ASSMAN, 2016, p. 118). A memória cultural constitui uma instituição *mnemônica*, ou seja, uma organização simbólica que desperta a memória. Para Assman (2016), os museus, as bibliotecas, os arquivos, os monumentos são instituições da memória cultural.

Eleida Assmann (2011) aprofunda os estudos da memória cultural aproximando o conceito ao arquivo. Argumenta com Boris Groys (1992) em favor de uma aproximação dos sentidos de arquivo e memória cultural com o termo “arquivo cultural”, algo referencial para as inovações. Segundo os autores, o que emerge na realidade evoca o arquivo para se comparar e se diferenciar como novo. “O arquivo é a base da comparação para a qualidade de diferenciação do novo” (ASSMANN, 2011, p. 371). O COVID-19 se apresenta como um evento novo que desestrutura a realidade, e a busca na história de outras pandemias, como a gripe espanhola, na peste negra, é uma forma de estruturar a realidade no campo simbólico.

Levando em conta a classificação proposta por Jan Assmann (2016), podemos considerar o *Memorial Inumeráveis* como integrando a memória cultural. Uma plataforma digital cujas histórias são escritas colaborativamente e que podem ser acessadas a partir de qualquer conexão, bastando um dispositivo de acesso à internet. Um arquivo de histórias de vidas que foram abatidas pelo COVID-19, ou uma intervenção artística, um arquivo-arte, que guarda memórias de um momento precário e traumático da humanidade. Esse tipo de produção cultural que se refugia na arte foi analisado por Eleida Assmann (2011). Para a autora, ao falar dos sofrimentos gerados na Segunda Guerra Mundial, destaca as memórias traumáticas trabalhadas na arte como “uma terapia para traumas, uma coleção cuidadosa de restos espalhados, um balanço de perda” (ASSMANN, 2011, p. 386). Diante da implacável condição de ausências de milhares de pessoas em pouco espaço de tempo, esse arquivo-arte não tem a intenção de precaver contra esquecimentos, mas salvaguardar os vestígios de memória dos entes queridos, o balaço do que ficou para ser compartilhado – a memória comunicativa dos familiares e amigos.

Nesse sentido, *Inumeráveis* pode ser considerado um arquivo-arte, pois reconhece as perdas e sentimento do desamparo diante da vulnerabilidade da pandemia, uma ameaça que afeta. Esse arquivo-arte transforma em prosa “os restos espalhados da pandemia”, memórias que insistem em dar sentido às perdas e que, no arquivo, forma parte da memória coletiva dessa crise epidemiológica, humanitária e sanitária. Ao mesmo tempo, expõe sentidos de vida que funcionam como conectores de identificação ou empatia em rede. Algo como uma sensação de amparo para um presente com expectativas de futuros. Nas palavras do artista Edson Pavoni, ao falar do *Memorial Inumeráveis*:

Claro que o *Inumeráveis* como uma obra artística, poética, jornalística, tem uma vontade. E a vontade, a função do *Inumeráveis* é não deixar nenhuma dessas histórias virar número. A vontade do *Inumeráveis* é que todos nós que ficamos possa se conectar com mais profundidade, com mais verdade tudo que está acontecendo nesse momento histórico da nossa sociedade. (SAIBAMAIS, 2020)

Até o mês de julho de 2020, quando da escrita deste artigo, já eram mais de 80 mil mortos por COVID-19, no Brasil³. Essa parceria entre o *Memorial Inumeráveis* e o *Fantástico* tem sido um dos caminhos para a rede Globo de televisão humanizar a cobertura da pandemia, narrando histórias de pessoas comuns, acrescidas por vozes e rostos já conhecidos. Como apresenta Pavoni no portal do *Inumeráveis*: “Não há quem goste de ser números, gente merece existir em prosa”. A prosa que o memorial colaborativo constrói nos mostra dois percor-

3 Quando da aprovação e revisão para a publicação deste artigo, em maio de 2021, os dados relacionados ao COVID-19 eram os seguintes: 444.391 óbitos; 15.898.558 casos, média móvel de mortes 1.971, segundo o consórcio de veículos de imprensa do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/20/brasil-registra-2527-novas-mortes-por-covid-media-movel-de-casos-fica-acima-de-65-mil-pela-1a-vez-depois-de-um-mes.shtml>. Acesso em: 20 maio 2021.

tos importantes, que dizem respeito ao modo como os afetos circulam, servindo de amparo ao momento de luto dos familiares que perderam entes queridos na pandemia, e aos sentidos de vida enunciados. De um lado, o memória tem essa função, de amparo e, de outro, de evidenciar, aos que estão vivos, o que tinha de mais importante na vida dos que já se formam.

Arquivo-arte como sublimação e amparo

Desamparo é um afeto de separação. Em “Além do princípio do prazer”, de 1920, Freud (2006) narra a observação que fez da brincadeira do seu neto, que, muito ligado à mãe, não chorava quando ela estava ausente.

Freud percebeu que a criança tinha o hábito de jogar um carretel amarrado a uma linha para fora de seu campo de visão, para depois fazer o movimento de puxá-lo e tê-lo novamente em mãos – movimento análogo ao de sua mãe, que saía de casa, mas sempre retornava. Os sons que a criança fazia, o avô nomeou de fort-da (fort significava foi, e da, aqui). Tanto a mãe se apresentava para ele como imagem de completude, quanto o carretel, na brincadeira, funcionava no lugar da mãe ausente. (VENERA, 2017, p.160)

A brincadeira era a forma como a criança lidava com a angústia do abandono, o desamparo. Para Freud (2006), a brincadeira de seu neto explica uma forma de elaboração da lógica prazer-desprazer. É nessa mesma perspectiva que compreendemos as narrativas elaboradas sobre entes queridos que morreram por COVID-19, como formas de lidar com a perda, com o afeto de angústia e sua causa, o desamparo.

O *Memorial Inumeráveis* funciona neste lugar de amparar diante da fragilidade da vida, uma forma de simbolizar a separação e produzir sentidos – por meio do qual o sujeito es-

trutura seu imaginário – sobre a perda. Além desta função de amparo e organização do imaginário sobre a perda e ente querido, *Inumeráveis* contribui para organizar o imaginário social sobre a pandemia.

Outro ponto que a Psicanálise nos ajuda a entender esse processo é, a partir do que já enunciamos, ao entender o portal como um arquivo-arte. Pela via da Psicanálise, isso significa dizer que o arquivo é uma forma de sublimação, de transformação, neste caso, do sofrimento com as mortes por COVID-19 em outra coisa interessante à sociedade. No *Seminário 7, A ética da psicanálise*, Lacan (2008, p. 158) mostra como a sublimação se organiza a partir de um vazio (fora do campo da linguagem): “Essa Coisa da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representado por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa – ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa”.

Transformar em prosa o ente querido, numa narrativa que valorize a vida caracteriza-se neste gesto de sublimação, o que reforça a proposta de considerar o *Memorial Imutáveis* como um arquivo-arte e uma rede de sentidos que funciona como amparo social diante da pandemia. O processo feito pelo *Fantástico* pode ser entendido como uma forma de ecoar essa rede de amparo, tanto pela ampla audiência que tem quanto pelo trabalho de arte que implica.

As narrativas do *Memorial Inumeráveis*

A criação do *Memorial Inumeráveis* como uma arquivo-arte se revela um lócus da memória cultural de vidas abatidas pelo COVID-19. Vidas ordinárias, de pessoas comuns, com histórias banais carregadas de afeto dos seus entes que-

ridos. Histórias contadas como sendo únicas e detentoras do merecimento de serem narradas em prosa. Se perder em uma sequência numérica, em índices das contagens sanitárias seria somente uma face da desumanidade de uma crise sanitária. A poética desse memorial tem na história de seu criador uma conexão (auto) biográfica. Edson Pavoni, em entrevista ao *site Saiba Mais*⁴, fala da perda paterna, quando ainda muito jovem, e da ausência da história desse pai que ele pouco conheceu:

Um ponto que eu conectei com esse projeto foi o fato de que meu pai faleceu quando eu era muito novo, tinha só três anos, e nunca soube muito bem a história dele. Sei bem pouca coisa, assim de um ou outro familiar, tem um mistério envolvendo a vida dele. Eu já fiz algumas viagens de moto pelo interior procurando pessoas, familiares, procurando a história e encontrei alguma coisa, mas não muita coisa. A história dele permanece um mistério como tanta coisa e, de alguma maneira, criar esse memorial, onde nenhuma história se perde, é um presente talvez que eu queira dar para a sociedade. Talvez seja um presente que eu queira dar para mim mesmo. (SAIBAMAIS, 2020)

O artista, interessado nas conexões que as histórias de vida formam, se viu impactado pelas milhares de mortes em um curto período de tempo, pessoas que, ao morrerem, se desconectam da trama de tantas histórias ao seu entorno. Junto a um grupo de amigos e voluntários, iniciou o projeto do memorial que pudesse dar uma imagem para o que ficaram dessas conexões perdidas: as narrativas das pessoas. Esse grupo construiu uma formatação de procedimentos para direcionar a participação das pessoas interessadas em contar as histórias dos seus entes. A princípio essa ação é quase espontânea, a pessoa pode clicar no *link* do *site* e escrever a história da pessoa homenageada ou, se preferir, preencher um questionário sobre essa pessoa e os jornalistas volun-

tários dão forma à narrativa, ou ainda, existe a possibilidade do envio de um áudio pelo aplicativo WhatsApp. Existe uma disponibilidade e uma abertura para a memória espontânea, ou seja, uma memória interna e individual que poderá ser comunicada socialmente a fim de revelar uma imagem da pessoa homenageada.

No entanto, em um segundo momento, os procedimentos do memorial introduzem as orientações e edições. O *site* disponibiliza manuais orientadores para os participantes como escritores, pesquisadores ou revisores. Um único manual para escritores e pesquisadores, e para os revisores apenas a orientação para participarem das reuniões *on-line* e seguir as orientações combinadas. Nesse manual, são expostas dicas rápidas para compor um texto que não seja enfadonho e que, especialmente cumpra a função de emocionar. Com o título “Como escrever histórias emocionantes, por Giovana Madalosso”, seguem 15 breves dicas que orientam o tipo de narrativa encontrada no memorial. Essas dicas vão desde lembretes simples, como organizar os dados antes do começar o texto, tamanho da narrativa ou evitar adjetivos até direcionamentos que implicam da edição do conteúdo a ser narrado, como “procure histórias peculiares, que apresente o falecido como pessoa única que foi” ou “não se preocupe em buscar fatos grandiosos. Na maioria das vezes, a beleza está nas coisas miúdas. Jogue luz sobre elas”. Essas orientações são fundamentais para a leitura das histórias coletadas durante a pesquisa e suas análises. Existe claramente a intenção editorial de sentidos de vida cotidiana, banal e carregada de emoções e humanidades. Esse sentido de vida ordinária e comum é proposital na criação.

O *site* aposta na simplicidade e está organizado em ordem alfabética e não possui imagens, a cor de fundo é pastel e o destaque é apenas a lista de nomes como *links* que, aber-

4 Ver: saibamais.jor.br.

tos, revelam a narrativa e os dados como local de nascimento, idade e créditos do narrador. As narrativas são curtas, como orientado no manual, por vezes, destacam apenas uma passagem da vida do falecido, um gosto, uma peculiaridade, mas com emoção e arte na linguagem capaz de produzir uma imagem humana e de afeto, uma possível conexão com o leitor.

Algumas dessas narrativas são exibidas no *Fantástico*. Não há pistas de como são escolhidas, mas todas elas revelam com propriedade as orientações do manual para escritores e pesquisadores voluntários. O quadro de performance dessas histórias acontece ao longo da noite, entre as tantas outras notícias e reportagens exibidas. As notícias e reportagens variam entre acontecimentos internacionais e nacionais, incluindo entre os de maior destaque no contexto atual os números crescentes de mortes pela pandemia. As narrativas de vidas comuns vítimas do COVID-19 são intercaladas às notícias excepcionais, apresentando-se, para a análise, uma relação com os sentidos de vida exibidos pela mídia.

A partir desse recorte, do *Fantástico*, as histórias exibidas foram transcritas e comparadas com a edição da mesma história no *Memorial Inumeráveis*. Apenas no mês de maio, primeiro mês de apresentação do quadro, foram coletadas 60 narrativas, organizadas em um quadro para facilitar a visualização comparativa. Algumas vezes, as narrativas do *Fantástico* foram apenas resumidas, retiradas os detalhes de uma mesma história, mas, esta análise se interessou pelas narrativas que foram subtraídas e aquelas que foram privilegiadas.

Esta análise de conteúdo levou em consideração primeiramente a forma de produção das narrativas – compreendendo as leituras dos manuais do memorial e as entrevistas com o próprio artista Edson Pavoni, publicadas em mídias diversas –, para posteriormente se dedicar à leitura sistemática delas. Concordando

com Minayo (2001, p. 74) quando disse que a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas” e, nesta pesquisa em andamento, as análises estão acontecendo concomitante a coleta, haja vista que não há previsão de final do quadro no *Fantástico* e nem da construção do *Memorial Inumeráveis*. As técnicas utilizadas estão organizadas em três ações: (i) a pré-análise; (ii) a exploração do material ou leitura criteriosa; (iii) o tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

O momento da pré-análise acontece na organização das narrativas em um quadro que possibilita a comparação entre colunas, sendo que, na coluna à esquerda, estão as histórias narradas no *Fantástico* e, na coluna à direita, as narrativas publicadas no *Memorial Inumeráveis*. A leitura para essa organização possibilita a intuição de algumas categorias da análise que podem se confirmar na exploração do material durante uma leitura mais criteriosa. Essa fase exigiu no mínimo duas leituras, na primeira, com anotações que constatarem ou descartem as categorias levantadas na pré-análise. Inicialmente, se observou que muitas narrativas exploravam os gostos banais das pessoas, como nos exemplos: “não dispensava uma cervejinha gelada toda sexta-feira”; “uma coisa que só os íntimos sabiam, Gastão era colecionador de tartarugas de decoração”; “Francisco, gostava de dançar bolero com sua esposa”. Essa estratégia funcionou para trazer uma imagem do falecido como “gente como a gente”, algo banal que pode evocar empatia no leitor por identificações. Essa categoria de análise veio se constatar durante a leitura mais sistemática, porém, se verificou que outras narrativas traziam comportamentos ou hábitos pessoais, que são diferentes de gostos, mas que cumprem a mesma função no texto. Como por exemplo: “Hoje o dia amanheceu lindo, um dia clássico no subúrbio carioca, Pe-

dro lavaria o carro, afinal, onde que já se viu um taxi sujo?"; "dias antes de adoecer estava com a enxada nas mãos, capinando, cultivando, cuidando da plantação, cortando cana"; "fazia o melhor brócolis refogado e o melhor doce de banana do mundo"; ou ainda, "ele era torcedor doente do Fortaleza Esporte Clube, daqueles apaixonados aficionados". Ou seja, embora sejam categorias diferentes "gostos" e "comportamentos ou hábitos", podem ser analisadas em conjunto como expressão de um "cotidiano".

Nesse segundo momento de aplicação da técnica, foram criadas seis categorias de análise: "Trabalho", que se refere à atividade laboral do falecido, incluindo formação profissional e atividades de trabalho remunerado; "Família", que abrange todas as relações familiares ou o registro da constelação familiar do homenageado, mas sobretudo o sentido de família que congrega um grupo e oferece ao ente querido um lugar social de existência afetiva; "Religião", quando a imagem criada apelou para as relações e identidades religiosas; "Resiliência", relacionada a sucesso em obstáculos da vida, sejam por doenças anteriores ao COVID-19, ou

questões éticas, raciais, de gênero ou de classe; "Gostos", como já exemplificado, preferências banais; e "comportamentos ou hábitos", relacionados a manias ou maneiras de agir habituais que marcavam aquela existência. Essas duas últimas foram amalgamadas em uma única categoria "Cotidiano". Por vezes, em uma mesma narrativa, apareceram duas ou três categorias.

No momento de aplicação dessa técnica, o quadro ganhou duas colunas: a primeira, ao lado da narrativa publicada no *Fantástico*, registra as categorias daquela história e, a segunda, ao lado da narrativa publicada no *Memorial Inumeráveis*, registra as categorias privilegiadas naquela prosa. Dessa forma, foi possível visualizar os sentidos de vida nas categorias privilegiadas pelo *Fantástico* e aquelas que só foram encontradas no *Memorial Inumeráveis* e, ainda, nos casos quando a edição do *Fantástico* apenas resumiu o texto mantendo o sentido e excluindo os detalhes. No gráfico a seguir, apresentamos a prevalência de quatro dessas categorias, ou as mais exploradas nas narrativas e que este artigo escolhe evidenciar nas análises:

Gráfico 1: Incidências das categorias analisadas nas narrativas

Categoria	Incidência Fantástico	Incidência Inumeráveis
Trabalho	30	36
Família	35	46
Resiliência	17	17
Cotidiano	32	38

Fonte: acervo da pesquisa "Biografias das vítimas do COVID-19", 2020.

Observa-se que em 60 histórias analisadas, 36 construíram uma imagem da pessoa homenageada a partir da sua identidade laboral, e por 30 vezes o *Fantástico* privilegiou essa edição para compartilhar em rede nacional. Nove vezes as narrativas do memorial ofereciam mais detalhes dessa atividade de trabalho, mas foram suprimidas, ainda que mantido o sentido.

A incidência do contexto familiar para compor a imagem dessa ausência foi a categoria que mais apareceu nas histórias. A constelação familiar é uma identidade recorrente na composição dos entes queridos. Nas análises das 60 histórias, se observou que por 46 vezes o contexto da constelação familiar foi acionado na narrativa e por 35 vezes o *Fantástico* escolheu essa edição para comunicar, e 11 vezes

essa escolha não foi privilegiada. Porém, se verificou que dessas 11 vezes, quando as relações familiares foram preteridas na edição do *Fantástico*, o destaque foi dado cinco vezes para as relações de trabalho, quatro para os contos de resiliência e duas para os gostos cotidianos.

A categoria “Resiliência” se destacou na análise porque foi a única que todas as vezes que esteve disponível nas narrativas do *Memorial Inumeráveis* foi destacada pelo *Fantástico*. Foram apenas 17 ocorrências, mas todas elas bem-exploradas na revista semanal.

Por fim, a categoria “Cotidiano”, que soma aqueles registros dos gostos pessoais e dos comportamentos e hábitos. Foram 38 vezes que as narrativas optaram por contar características do cotidiano dos entes queridos e dessas, 32 o *Fantástico* escolheu por essa estratégia para compartilhar. Apenas seis vezes essas informações estavam no memorial e a mídia optou por outros temas. Nesses casos, os temas como trabalho, resiliência e família foram destacados.

Com o destaque nessas quatro categorias, as análises que seguem buscam compreender os sentidos de vida que sobressaem nas memórias narradas e posteriormente institucionalizadas, reveladoras de uma memória cultural do nosso tempo.

Sentidos de vida a partir do trabalho e da família

No contexto da pandemia, a expressão “novo normal” aparece na mídia como proposição de repensar o presente e o futuro. Seja para proposição de novos hábitos de higiene e distanciamento social, seja para questionamentos acerca do ritmo frenético de trabalhos e hábitos consumistas do “antigo normal”, ou ainda para reflexões sobre o sentido de convencionalmente se chamar “normal”, o fato é que, inexoravelmente, estamos deslocados

do nosso hábito corriqueiro e postos a pensar como estamos nos tornando o que somos. Os sentidos de vida expressos espontaneamente em narrativas, no *Memorial Inumeráveis*, são reveladores do que somos. Uma identidade narrada, ao ser compartilhada se faz parte de um coletivo social e cultural. Observamos que no universo das 60 narrativas analisadas, mais de 50% delas usaram a identidade profissional da pessoa falecida para o desenho de uma imagem para a sua ausência. A principal identidade da pessoa, ou aquilo que deu a ela uma imagem digna de ser lembrada foi o trabalho. Frases simples como “Washington era músico” (GLOBOPLAY, 10/05/2020) até narrativas mais elaboradas que constroem uma identidade:

A Juliana decidiu trilhar um caminho diferente da mãe, que era costureira, por meio dos estudos, não achou suficiente, essa professora compartilhou conhecimento até o dia da sua hospitalização. (GLOBOPLAY, 10/05/2020)

[...] ela trabalhava na unidade do pronto atendimento do complexo de Favela da Maré, uma parceira forte, festeira, uma guerreira! (GLOBOPLAY, 10/05/2020)

A doutora Adélia sempre foi uma pediatra dedicada e interessada na criança, quanto mais difícil o caso mais atraía sua atenção e curiosidade. Tinha vontade de aprender e ensinar, era generosa em compartilhar seus conhecimentos, ela faleceu na linha de frente, no combate ao coronavírus, fazendo o que lhe dava prazer e sentido, cuidar das crianças, com interesse, respeito e seriedade. (GLOBOPLAY, 10/05/2020)

Jocival era um educador, acreditava que educação de qualidade mudava vidas, diretor de escola dedicou sua vida a ensinar, sabia do poder que a juventude tem e achava fundamental o ensino público. (GLOBOPLAY, 17/05/2020)

Narrativas como essas confirmam a crença reconfortante do trabalho humano. O labor é uma fonte legítima de sobrevivência e dignidade, mas também é entendido como uma iden-

tidade do ser. Pensando na perspectiva econômica e política, esses sentidos de trabalho são fundamentos que justificam as práticas sociais, a definição de sucesso, especialmente pela economia que ele pode produzir. Não é por acaso que o isolamento social e a condição de impossibilidade de realização remota de muitas atividades têm gerado uma inquietação social, uma vez que o trabalho se mostra como motriz de uma ordem social. Existe uma positividade nos sentidos de trabalho como orientador da vida, desde aqueles com um capital simbólico maior, como médicos ou empreendedores de sucesso, até os mais modestos, mas detentores de uma garantia de sentidos como “homem honesto”, “mulher guerreira”. A ausência do trabalho escancara uma fronteira entre o cidadão útil, autônomo na sua subsistência e o dependente da assistência do Estado – local desconfortante na maioria dos casos. Ou ainda, o delinquente e o não delinquente. Em grande medida, a ideia de cidadão, de uma vida honesta, está baseada na condição de trabalhador.

Michel Foucault (2000) dedicou parte do seu estudo sobre os discursos das ciências e a relação com o trabalho. “A medida do trabalho”, ele disse, como uma medida que funciona absoluta, em suas palavras “o trabalho, entendido como jornada, esforço, fadiga, é um numerador fixo” (FOUCAULT, 2000, p. 306), quando dizia que a forma de produção dos objetos pode sofrer variações. Ainda em análise do trabalho no século XVIII, ele observa que existe um princípio de ordem que é irreduzível as representações nas relações de troca e consumo de objetos “traz à luz o trabalho, isto é, o esforço e o tempo, essa jornada que, ao mesmo tempo talha e gasta a vida de um homem” (FOUCAULT, 2000, p. 308). Depois de séculos, marcados por mudanças abissais no mundo do trabalho, ele ainda continua sendo um valor absoluto que paradoxalmente talha

e gasta a vida. Segundo Foucault (2000), ainda estão em abertas as questões relacionadas aos domínios do trabalho: por um lado, uma antropologia que questiona a vida humana em sua finitude e o tempo investido sem o reconhecimento dele em sua necessidade imediata e, por outro, uma economia política que tem como objeto a produção real das formas de trabalho e do capital.

As memórias narradas no memorial dizem sobre essa organização social historicamente construída e como nós nos reconhecemos como vidas dignas, talhadas a partir do trabalho. A memória cultural de nosso tempo, comunicada por um grande veículo de imprensa, eterniza esses resquícios que ficaram da vida dessas pessoas. No mesmo contexto em que reconstruímos um possível “novo normal”, onde talvez não haja trabalho para a maioria e os demais são reconfigurados. Que outros sentidos de identidades o novo reserva? Seria possível criar imagens de identidades, tão dignas sem evocar o trabalho e a economia que ele produz?

As narrativas relacionadas as relações familiares parecem apontar para uma resposta positiva a esse respeito. Setenta e seis por cento (76%) das narrativas analisadas utilizaram da constelação familiar ou das relações familiares para construir uma identidade para o ente querido, somando 46 vezes. Dessas, 35 foram retratadas pelo *Fantástico*, porém, é necessário considerar que, por 17 vezes, ainda que essas pessoas tenham sido narradas em relações gratuitas de afeto na família, essa identidade estava combinada ao trabalho, como nos exemplos abaixo:

Nazaré... Era professora de quê? Era professora de tudo, do ensino profissional e da vida! Sempre com didática, paciência e carinho. Mãe biológica de seis e mãe de tantos outros a quem se dedicou a ensinar. (GLOBOPLAY, 31/05/2020)

[...] Antes de ser policial militar ele foi músico e fuzileiro naval, não teve filhos de sangue, só de coração [...] (GLOBOPLAY, 24/05/2020)

[...] trabalhou até o fim da vida, era um verdadeiro lutador, sempre muito dedicado a família, muito dedicado aos amigos, era muito caridoso [...] (GLOBOPLAY, 17/05/2020)

As narrativas sobre o trabalho sustentam uma crença ou um imaginário reconfortante. Com a família, não é diferente. Trabalho e família compõem duas instâncias de identificação dos sujeitos. As subjetividades que são primeiramente talhadas no ceio da família, são, posteriormente, no trabalho. A narrativa sobre a vítima por COVID-19, Nazaré, uni esses dois processos. A qualidade de mãe, circuito de afetos familiares, mistura-se com a professora, circuito de afetos ligados ao trabalho. Duas identidades que marcam o mal-estar da cultura, no sentido aberto por Freud (1997), seja pelo processo civilizador que faz recair uma série de demandas à posição subjetiva de mãe, ou às demandas há um trabalhador. Ao mesmo tempo, ao dar sentido aos sujeitos que já não podem mais se narrar, os outros narram a partir, sobretudo, dessas duas identidades. Essa escolha narrativa é reveladora de um *status* social indiscutivelmente aceito socialmente ou de uma forma de vida a qual a memória cultural aposta para ser mantida no “novo normal”.

Em outra memória, “trabalhou até o fim da vida, era um verdadeiro lutador, sempre muito dedicado a família”. Ao relacionar o trabalho com atividade de um lutador, evidencia a relação entre realizar-se no trabalho e ao mesmo tempo como um gesto de sacrifício um empenho ou luta. Essa relação entre prazer e desprazer é a via pela qual os afetos circulam e dão sentido à vida, de tal maneira que para narrar a si mesmo ou narrar ao outro passa-se pelas experiências que mais carcam os sujeitos.

É importante destacar nesta análise as variações em 18 vezes em que a imagem da pessoa narrada foi construída apenas nas relações afetivas com a família.

Filhos e netos lembrarão sempre da delicadeza da voz, do toque leve e perfumado, colo acolhedor, do xale macio e do amor incondicional. (GLOBOPLAY, 31/05/2020)

Augusto, mal aprendeu a escrever o nome, mas lutou bravamente para que os filhos fizessem curso superior. Ao amanhecer ele era o sino da catedral, despertando todo mundo dentro de casa, os filhos reclamavam de acordar cedo, mas que alegria ser despertado por um homem que tinha tanto amor pela vida. De herança para os oito filhos deixou uma lição: ‘Tem hora pra brincar e hora de lutar pelo futuro’. Deixou também um grande vazio, as festas em família... Jamais terá o mesmo brilho. (GLOBOPLAY, 31/05/2020)

A frase preferida de Regina era: ‘É preciso amor pra poder pulsar’. Ela era assim, apaixonada pela vida, viagens, praia, cerveja, era o jeito dela se divertir e se pudesse unir as três coisas ao mesmo tempo aí... Era o paraíso! Mãe, avó, profissional e amiga, guerreira e rainha. (GLOBOPLAY, 31/05/2020)

Narrativas como essas evocam um sentido de vida que, ao contrário dos apelos ao trabalho, não se fundamentam nos grandes feitos laborais, mas apenas nos círculos afetivos mais cotidianos em que a vida se passa sem ser percebida. Essa estratégia responde às orientações editoriais do *Inumeráveis* quando diz: “não se preocupe em buscar fatos grandiosos. Na maioria das vezes a beleza está nas coisas miúdas. Jogue foco nelas”. Cotidianos imperceptíveis, mas poderosos em momentos de falta e desamparo pela perda. Essas memórias tecem um corpo imaginário ao ente que morreu, costuradas a partir da perda, ou seja, da separação que passa a ser o meio pelo qual novos laços sociais se formam. É nesse sentido que Safatle (2015, p. 42) afirma, a partir de

Freud, que “o afeto que nos abre para os vínculos sociais é o desamparo” (2015, p. 42). Nessa perspectiva, a separação, a perda, a incompletude são variações do que produz o afeto de desamparo levando o sujeito a buscar laços sociais.

A pandemia desencadeia a busca por relações, seja pelo isolamento social, o que marca uma separação com o cotidiano que se tinha antes, seja pelo medo de contrair o vírus, ou pela dor do luto e ausências de rituais de despedidas. Na ordem dessas redes virtuais, como é o caso do *Memorial Inumeráveis*, está o desejo por construir laços sociais, por buscar amparo e fazer circular os afetos que dão sentido à vida. A família é um grande lócus da rede de afeto primordial dos sujeitos e representativa de memórias sociais.

Sentidos de vida a partir da resiliência e do cotidiano

Outras duas categorias para dar conta dos sentidos sobre a vida produzidos nas narrativas são “Resiliência” e “Cotidiano”. De um lado, resiliência, que diz sobre a força que o sujeito teve para lidar com as adversidades da vida; e, de outro, as lembranças sobre hábitos do cotidiano que apontam para o comum das pessoas, ou do ser ordinário, que ao mesmo tempo as humanizam.

Em uma das narrativas:

Bianca tinha leucemia e no dia dez de abril passou por um transplante de células tronco, já era o segundo a que ela se submetia. Jovem de dezoito anos cheia de sonhos conquistou a admiração por lutar, por querer um futuro, não se deixava abater pela tristeza e tinha sempre um sorriso pra dar. Pra mim você deixou tantas lembranças engraçadas que eu vou lembrar de você a minha vida toda. (GLOBOPLAY, 10/05/2020)

As narrativas que expressam resiliência ecoam, assim como na categoria “Trabalho”,

um sentido de sacrifício velado. O sofrimento como um traço de identificação por meio do qual os laços sociais são estabelecidos. Em outro depoimento, trabalho e resiliência são articulados, cujo sacrifício vem em superar, além das dificuldades econômicas, abusos de gênero e racial.

Jacy aos treze anos precisou parar os estudos e embarcou pro Rio de Janeiro, precisava ajudar nas despesas da casa, trabalhou de babá, de empregada doméstica, sofreu assédio e racismo. (GLOBOPLAY, 17/05/2020)

O sofrimento parece ser um ponto em comum em boa parte das narrativas e estão, muitas vezes, articulados com a resiliência e o trabalho. O sentido de vida aparece como um “apesar de” e traz à tona a evidência de uma potência. Essas memórias reforçam a noção de que o afeto que reforça os vínculos sociais é o desamparo, seja no trabalho com uma parte da vida a ser sacrificada (perdida), seja nas adversidades da vida em que é preciso muita força (sacrifício) para se vencer, a partir daí, vem a necessidade de buscar amparo. O registro de que, entre as 60 histórias exibidas no mês de maio, 17 que traziam essa estratégia narrativa foram exibidas no *Fantástico* com esse destaque, deixa claro uma escolha editorial da revista dominical. Parece haver uma aposta de identificação pela audiência o anúncio de uma vida que vale a pena ser vivida “apesar de”, uma memória cultural que deve durar um tempo maior que a memória comunicada entre os membros de uma ou duas gerações.

Por último, destaca-se a forma como o cotidiano vai sendo narrado e dá conta de gestos banais que humanizam as personas narradas. Como a narrativa sobre Rui que “sempre chegava fazendo barulho, buzina e ia logo perguntando a esposa: ‘cadê o café Maria?’” (GLOBOPLAY, 10/05/2020). As narrativas de gestos banais, do ordinário, dão o tom de normalidade à realidade. Em outra história, gostos tão

corriqueiros como tomar sorvete ou ir ao *shopping* ganham um tom de singularidade com uma expressão que diz respeito àquela experiência de vida, como na expressão “tico-tico”:

Ele adorava ir tomar sorvete, ir passear no shopping, desde quando eu era pequena, meu pai falava: ‘Eu disse que o tico-tico vinha’. Uma vez um dos netos perguntou: ‘Mas vô, toda vez você diz que o tico-tico vêm, só que ele não veio’ (risos). É que ele sempre chamava de tico-tico aquela pessoa que ele não conseguia lembrar do nome, é... Ele gostava muito, muito dos passarinhos e, também, essa é uma lembrança de um livro que ele leu na infância dele, aí... (GLOBPLAY, 24/05/2020)

Gestos do cotidiano que apontam para duas direções: de um lado, o que é da ordem do comum; e, de outro, o comum que tem a ver com a história de vida do narrado, ganhando ao mesmo tempo um sentido de singular. Nesse sentido, essa estratégia narrativa é poderosa para vincular identificações de quem a lê, porque esse ordinário da vida é o comum de todos, a mania, o hábito de cada um em cada família, mas, ao mesmo tempo, se vincula também ao singular, é a expressão do “tico-tico” que só aquele avô dizia, ou o “cadê o café, Maria?” que só o Rui falava ou o hábito de colecionar tartarugas do Gastão, citado no início deste artigo. Histórias de vidas banais que humanizam e dão sentidos de amparo em um momento de trauma coletivo planetário.

Essas quatro categorias analisadas, quando lidas de forma amalgamadas em uma suposta memória cultural da pandemia, podem revelar uma forma de vida que, talvez, possa estar inconscientemente ameaçada pela crise traumática da pandemia do COVID-19. Haveria uma possibilidade de pensar uma forma de vida em um “novo normal” em que as identidades do trabalho perderiam centralidade? As mortes escancaram a precariedade de uma vida que merece ser vivida, em sua banalidade cotidiana nas redes de afeto. O modelo de

trabalho *home office* não estaria ameaçando o espaço privado das famílias, suas intimidades, lá onde as pessoas vivem suas identidades afetivas e seus cotidianos? As vidas que resistem apesar dos sofrimentos do trabalho intenso, das doenças, das violências sofridas são espetacularizadas, e esse fato é revelador de subjetividades líquidas que preferem se adaptar, se moldar a novas demandas. Não estaria essa subjetividade resiliente conectada a uma economia de desejos? Pensar nessa perspectiva significa identificar uma lógica econômica em todas as perspectivas da vida. A mesma que positiva a identidade do trabalho destaca o sofrimento que impulsiona uma vida que decide viver em positivities “apesar de”. E, no cotidiano, essa subjetividade funciona na medida em que os interesses individuais coincidem com os interesses do mercado, no limite em que o trabalho se transborda em todas as instâncias da vida se confundindo com o cotidiano e a intimidade familiar.

Considerações

Os resultados parciais desta pesquisa, apresentados neste artigo, vão ao encontro da leitura de Minayo (2001, p. 79), quando diz que “o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarada de forma provisória e aproximativa”. Os dados apresentados aqui compõem um passo inicial desta pesquisa, de tal maneira que as análises ainda são muito provisórias.

O destaque se voltou para a análise tanto do *Memorial Inumeráveis* quanto para o trabalho do *Fantástico* como sendo resultado de uma demanda social diante da pandemia. Considerar o *Inumeráveis* como um arquivo-arte é perceber neste gesto de dar voz às narrativas sobre vítimas de COVID-19 um processo de sublimação diante de um evento traumático. Ao mesmo tempo em que funciona como uma memória coletiva daquilo que se restou de tantas perdas.

É necessário evidenciar o papel da memória coletiva se formando com a criação do memorial, assim como o trabalho de dramaturgia no *Fantástico* ao apresentar rostos e vozes conhecidas na interpretação das histórias. São acervos, sendo que o primeiro, o memorial virtual, tem a função de organizar as histórias, dar um corpo editorial e servir de consulta a um grande arquivo-arte; e o segundo, o *Fantástico*, tem seu efeito mais imediato, já que a circulação se capilariza imediatamente na sociedade pela audiência que o programa atende.

Por fim, os sentidos de vida que se observam até agora são produzidos no contexto de desamparo e grande trauma coletivo, ao mesmo tempo em que se pensa práticas no cotidiano de um “novo normal”. Esses sentidos se articulam a uma memória coletiva sobre vidas que valem a pena serem lembradas, como o “homem trabalhador”, “homem lutador”, a “mulher guerreira”, ou pessoas que viveram “apesar de”. Um sentido de vida talhada em um sacrifício velado fica evidente nas narrativas. No entanto, outros sentidos de vidas muito mais fluidos e afetivos foram observados nessas memórias. A potência do amparo, materializada no conjunto do memorial, está presente também nas pequenas narrativas, como as constelações familiares, as relações de afetos e nos gestos cotidianos. Uma vida que acontece para além da carreira profissional e das adversidades, apenas acontece e deixa marcas poderosas de aprendizagens e memória.

O ajuntamento dessa memória cultural são pistas de como estamos nos tornando o que somos e lócus privilegiado para a reflexão sobre prioridades em um horizonte de expectativas possíveis para um futuro pós-pandemia.

Referencias

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011

ASSMANN, Jan. Memória Comunicativa e Memória Cultural. **Revista História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan-jun, 2016. Disponível em: Acesso em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>

DUARTE, Rafael. Edson Pavoni: “A função do Inumeráveis é não deixar nenhuma dessas histórias virar número”. Disponível em: <https://www.saibamais.jor.br/edson-pavoni-a-funcao-do-inumeraveis-e-nao-deixar-nenhuma-dessas-historias- virar-numero/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 123-198.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GROYS, Boris. **Über des Neue**. Versuch einer Kulturökonomie. Munique, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MEMORIAL INUMERÁVEIS. Manual para Escritores Voluntários. Disponível em: https://inumeraveis.s3.amazonaws.com/escritor_inumeraveis.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. Corpos políticos, desamparo e fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VALLE, Eduardo. Conheça a história do memorial on-line que relembra vítimas da pandemia. Disponível em: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2020/05/conheca-historia-do-memorial-online-que-relembra-vitimas-da-pandemia.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

VENERA, José Isaías. **Da cólera ao acontecimento junho de 2013**: do que escapa à representação em Deleuze e Lacan. 226f. (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2017.

Recebido em: 30/07/2020

Revisado em: 06/01/2021

Aprovado em: 03/04/2021

Raquel Alvarenga Sena Venera é Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutora em Educação pela Université Lille3-França. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). Líder do grupo de pesquisa Subjetividades e (auto)biografias. Possui. *E-mail:* raquelsenavenera@gmail.com

José Isaías Venera é Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Professor do Programa de Pesquisa em Comunicação da Universidade da Região de Joinville (Univille) e dos cursos de comunicação na mesma universidade e da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Membro dos grupos de pesquisa “Subjetividades e (auto)biografias” e “Comunicação, mediações e cultura”. *E-mail:* j.i.venera@gmail.com

Gustavo Henrique Cardoso Nart é acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille), bolsista de Iniciação Científica desde 2017 no grupo de pesquisa Subjetividades e (auto)biografias. *E-mail:* gustavo_nart@hotmail.com